

Rachel Thomas

Socióloga, Responsável de Pesquisa no CNRS – Centro Nacional para a Pesquisa Científica, Diretora do Laboratório CRESSON (Centre de recherche sur l'espace sonore et l'environnement urbain) na Escola Nacional Superior de Arquitetura de Grenoble (ENSAG), Codiretora da Unidade Mista de Pesquisa – l'UMR CNRS 1563 – “Ambiências Arquitetônicas e Urbanas”

Fabiana Dultra Britto

Licenciada em Dança, professora PPG Dança/UFBA, coordenadora do Laboratório Coadaptativo LabZat e membro do Laboratório Urbano

Tradução: Maria Isabel Costa Menezes da Rocha

Arquiteta urbanista, doutoranda PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA

FABIANA: O laboratório CRESSON construiu no decorrer dos anos, uma sólida tradição de pesquisa sobre o tema das ambiências, destacando a intensidade sonora como aspecto de qualificação sensível e o caminhar como modo de fazer do campo. Como você interpreta a mudança de orientação que a noção de ambiência passou ao longo do tempo?

RACHEL: Na sua criação, em 1979, Jean-François Augoyard, fundador do CRESSON, destacava a importância dos fenômenos sonoros nas práticas urbanas cotidianas e, principalmente, nas práticas ordinárias do caminhar. Este foco, na dimensão sonora do ambiente urbano, orientou um conjunto de pesquisas pluridisciplinares no CRESSON, em um contexto nacional de crescente interesse

pela luta contra o barulho. Face aos procedimentos mais tecnicistas, que em sua maioria abordavam o som na cidade como incômodo, a equipe implementava alguns procedimentos mais atentos às qualidades do som. Se o ambiente sensível (sonoro, mas também visual, térmico, olfativo...) se tornava o centro das reflexões do laboratório, ainda não se falava de ambiências arquitetônicas e urbanas.

Apenas no começo dos anos 2000, é que vamos ver esta noção ocupar um lugar central nos trabalhos do CRESSON. Por quê? A equipe tinha adquirido uma certa maturidade no domínio das pesquisas sobre e a partir do sensível e podia então iniciar um trabalho de conceitualização. Foi o trabalho de discussão sobre a noção de ambiência¹

que inspirou muitos de nós naquela época. Isto não levou a uma definição unívoca do termo, mas, sobretudo, uma clarificação de seus contornos e do que ela permite questionar. Esta clarificação permitia igualmente ao laboratório CRESSON de se posicionar na escala nacional face ao interesse crescente que suscitaron na época as pesquisas sobre o sensível nos campos das ciências humanas e sociais, do urbanismo e da arquitetura. A noção está agora bem estabelecida, no seio da equipe, mas uma mudança de orientação significativa foi iniciada em meados dos anos 2000. Consistia em se interrogar sobre a operacionalidade desta noção de ambiência para pensar as evoluções do mundo urbano contemporâneo em termos sociais, ambientais e de planejamento. É essa mudança que hoje articula as temáticas científicas do laboratório CRESSON, que se organizam em torno de três grandes eixos de pesquisas: Ambiência e Ambiente, Ambiência e Projeto, Ambiência e Sociedade.

FABIANA: Como se dá a formulação da sua metodologia *fazer corpo/ tomar corpo/ dar corpo* na sua trajetória enquanto pesquisadora em sociologia sobre a questão urbana e no contexto da tradição metodológica do CRESSON?

RACHEL: Eu implementei esta metodologia do *fazer corpo/ tomar corpo/ dar corpo* depois de uma década de trabalho sobre a acessibilidade dos pedestres ao espaço público urbano e o caminhar na cidade. Na tradição do laboratório CRESSON e de suas metodologias de investigação *in situ*, eu apreendia as modalidades da relação do pedestre com o ambiente urbano a partir de discursos – na maioria das vezes captados durante os percursos

– que me indicavam como o caminhar, em todas as suas formas, envolve conjuntamente competências (sensório-motoras, socioperceptivas) e processos de configuração do ambiente. Mas esses diversos trabalhos me levaram igualmente a entender que as práticas do caminhar – tais que “tomadas” com o ambiente – também mobilizam o corpo, os afetos, a sensorialidade do pedestre. Estas dimensões – com frequência, pouco ou dificilmente verbalizadas – são, portanto fundamentais em um percurso pedestre. Elas o “colorem”, dão a ele um tom e uma espessura, revelam também como as ambiências se encarnam nas práticas ordinárias. Seria necessário então encontrar o meio de aceder a essa dimensão pré-reflexiva da experiência urbana.

A metodologia do *fazer corpo/ tomar corpo/ dar corpo* tenta responder a essa ambição. Ela considera que o corpo do pesquisador ou do usuário constitui – como o discurso, o levantamento ou a observação – um instrumento de inteligibilidade dos processos em curso no cotidiano entre mim, o ambiente e os outros. Concretamente, a realização dessa metodologia consiste em repetir – ao longo do trabalho de pesquisa – as fases de imersão no campo, as fases de atuação dos corpos em movimento (falamos em “encarnar” as ambiências urbanas) e as fases de tradução das experiências assim conduzidas. Essa metodologia foi primeiramente testada durante um trabalho de pesquisa colaborativa sobre a questão da assepsia das ambiências pedestres no século XXI.² E eu tentei ampliar os contornos e a operacionalidade no âmbito de uma outra pesquisa em curso sobre os processos de pacificação dos espaços públicos urbanos brasileiros.³

FABIANA: Nos projetos PIRVE e MUSE que você coordenou, os campos e as equipes eram de diferentes nacionalidades. Como você pensa as diferenças de percepção do problema implicadas nesta escolha metodológica?

RACHEL: Nos projetos PIRVE e depois MUSE, a questão tratada é certamente a da evolução dos quadros (planificados e sensíveis) da experiência urbana e da maneira como essas transformações afetam e se encarnam no cotidiano do pedestre. Qual é finalmente a performatividade das filosofias de planejamento contemporâneas em termos de experiência urbana e partilha do sensível? O que esses quadros permitem fazer, ser e partilhar no espaço público? De que forma eles reconfiguram as maneiras de se apresentar e de estar junto na cidade? A cada vez, essas pesquisas são feitas no âmbito de colaborações internacionais e entre disciplinas diferentes.

No projeto PIRVE, a equipe do CRESSON era composta de uma socióloga, de um paisagista e de arquitetas. Nós colaboramos com a equipe do Centro Léa Roback da Universidade de Montréal, essencialmente composta de urbanistas e de especialistas em saúde ambiental, e a equipe do Laboratório Urbano, na Universidade Federal da Bahia, que compreende arquitetos e também uma profissional de dança. Se a necessidade de passar por uma abordagem do corpo para pensar as relações entre homem/cidadino e seu ambiente/cidade era um consenso do ponto de vista da problemática, a implementação no campo de uma metodologia tal que *fazer corpo/tomar corpo/dar corpo* nem sempre foi bem compreendida por nossos colegas urbanistas. Eu creio que a escala de apreensão desta relação, a menor distância ao campo que implica esta metodologia, da mesma

forma que as potencialidades de uma abordagem pelo corpo para o pensamento planificador, não estavam tão claros. Além disso, a duração desta pesquisa exploratória – 18 meses – não permitia uma “aclimatação” profunda das bases teóricas e metodológicas de cada uma das equipes.

Para MUSE, a colaboração se faz essencialmente com a equipe do Laboratório Urbano. A equipe francesa não mudou. A duração da pesquisa (4 anos) permite “cavar” esta dimensão corporal da experiência urbana, bem como as diferenças e acordos em torno da noção de ambiência. O desvio pela expertise dos dançarinos e coreógrafos é essencial para nós: nos permite tanto abrir para um novo vocabulário sobre as ambiências quanto reformular as hipóteses de configuração/ code-terminação entre ambiências e práticas pedestres em termos de plasticidade/ coplasticidade⁴

FABIANA: Destacando o engajamento corporal do pesquisador no trabalho de campo, a experiência do pesquisador adquire uma certa centralidade na leitura do contexto. Quais são as vantagens e os riscos que isto poderia significar para uma pesquisa urbana?

RACHEL: Sim, efetivamente, como eu dizia antes, o engajamento corporal do pesquisador é um pré-requisito a esta metodologia do *fazer corpo/tomar corpo/dar corpo*. Um pouco a imagem do que os etnólogos ou etnógrafos fazem sobre os campos cada vez menos exóticos, já que o meio urbano suscita há alguns anos inúmeras abordagens deste tipo. O interesse de passar pelo corpo do pesquisador, pela imersão (repetida e às vezes longa) no campo para apreender a dinâmica do jogo entre ambiências e experiência urbana, é duplo a meu ver. De um lado, permite trabalhar precisamente

sobre essa dimensão pré-reflexiva da experiência urbana de que eu falava, a qual sabemos, configura os modos de presença no lugar. No âmbito das análises em curso na pesquisa MUSE, eu trabalho precisamente na noção de “estado dos corpos” – que pego emprestado do coreógrafo e bailarino Philippe Guisgand. Através dela, é a questão da “empatia motora” que eu posso realçar essa espécie de ressonância entre mim e os outros que se produz em certas situações. E é aí que se encontra o segundo interesse em passar pelo corpo do pesquisador, o trabalho sobre essa noção de “estado dos corpos” – tal como se articula a um questionamento sobre as tendências atuais de planejamento a um apaziguamento/ uma assepsia/ uma pacificação dos espaços da caminhada – permite abordar de maneira crítica a questão da partilha do sensível. O que se trata de desvendar na imersão “pelo corpo”, é o que este tipo de contexto desenha/ transforma/ coloca em questão em termos de co-presença, de partição e de potencialidades dadas à participação ao comum.

O risco é claro também: é esse de dar uma importância grande demais à subjetividade, ou o risco de um subjetivismo. Ao pensar os processos de pacificação ou de assepsia dos espaços públicos urbanos pelo corpo não se deve esquecer o papel da importância dos quadros sócio-políticos, sócio-normativos, culturais. Esta é toda a dificuldade e o objetivo de uma pesquisa como esta que realizamos no âmbito da ANR MUSE: articular um olhar micrológico sobre esses processos a um olhar macrológico, interrogar os processos atuais em vista das questões sociais que eles comportam.

FABIANA: Você teve a ocasião de testar essa abordagem em contextos diferentes. Que di-

ferenças você observou no modo de compreender e de viver a experiência corporal urbana, incluindo aí a experiência dos corpos e corporalidades no Brasil e na França?

RACHEL: Eu tenho dificuldades com esta questão. Ou ela me leva a assuntos de comparação cultural que eu não domino (não sendo nem etnóloga, nem antropóloga) ou que poderiam me levar a dizer banalidades do gênero: “no Brasil, a questão do corpo é mais facilmente verbalizada que na França”. Ou ela me leva a repetir o que eu disse em resposta à questão 3. ■

NOTAS

- 1 Este trabalho conduziu à publicação de uma obra coletiva: AMPHOUX P.; THIBAUD, J. P.; Chelkoff, G. (Dir.). *Ambiances en débat*. Bernin: Ed. A la Croisée, 2004. (Collection Ambiances Ambiance).
- 2 THOMAS, R (Dir.); BALEZ, S.; BÉRUBÉ, G. ; BONNET, A. (2010). *L'aseptisation des ambiances piétonnes au XXIe siècle*. Grenoble: Cresson / PIRVE, 2010. (Rapport de recherche n°78).
- 3 THOMAS, Rachel (Coord.); BALEZ, S.; BÉRUBÉ, G.; BONNET A. (2010-2014). *L'apaisement des mobilités urbaines au XXIe siècle*. Recherche MUSE “Les énigmes sensibles des mobilités urbaines contemporaines”, Financement ANR 10, Colaboração Laboratório Urbano (FAUFBA).
- 4 A noção de coplasticidade introduzida na pesquisa MUSE deriva de estudos sobre os processos de engendramento entre corpo e ambiente na dança, desenvolvidos por Fabiana Dultra Britto desde 2002, associados à noção de corpografia urbana desenvolvida em parceria com Paola Berenstein Jacques desde 2007. Este tema foi enfocado no projeto de Estágio Sênior *Corpo e ambiência: a noção de coplasticidade*, desenvolvido por Fabiana Dultra Britto junto ao Laboratório CRESSON, entre setembro/2012 e fevereiro/2013, com bolsa CAPES.